

Revolta anti-austeridade e crise da legitimidade no Equador

Sunniva Labarthe

*Doutoranda e pesquisadora em ciências sociais no Centre d'Études
Sociologiques et Politiques Raymond Aron da École des Hautes Études in
Social Sciences, Paris.*

Tradução Carolina Salomão





A revolta que vem agitando o Equador desde 3 de outubro foi chamada de "revolução zánganos". Crise política, derrubada do atual poder: as próximas horas e confrontos serão decisivos. Enquanto aguarda mais informações sobre a situação, a autora destas linhas apela à solidariedade e à vigilância internacional. No Equador, tudo pode acontecer. Por fim, em 14 de outubro, o governo revogou o decreto do pacote imposto pelo FMI, determinando uma vitória histórica do movimento indígena [NdT]¹.

A revolta que agita o Equador desde 3 de outubro é chamada de "revolução zánganos", por causa da expressão usada por Lenín Moreno em uma coletiva de imprensa no dia 4 de outubro em Guayaquil. Traduzida para o português, a frase de Moreno significaria mais ou menos: "Ouçam, não vou mudar a decisão. Sejam claros: os subsídios foram eliminados, o parasitismo acabou". "Zángano" em castelhano significa abelha e a expressão, comum no Equador, refere-se à ideia de que estes insetos vivem apenas para a própria sobrevivência². As imagens do conflito conferem aos acontecimentos uma dimensão particularmente trágica neste país, composto por 14 nacionalidades e 28 povos indígenas. Em resumo, os principais componentes do movimento são "os motoristas", "o movimento indígena", seguido por sindicalistas, estudantes e vários ativistas de direitos humanos. Cada uma dessas categorias inclui suas tendências e facções, que divergem quanto à responsabilidade do "Correísmo" - o clã político do ex-presidente Rafael Correa no poder de 2007 a 2017 -, bem como a legitimidade do uso da força contra a propriedade e as pessoas e a qualificação de atos mais ou menos oportunistas de vandalismo que estão aumentando. O "diálogo", que foi definitivamente interrompido nos últimos dias com o governo e a sociedade civil de Lenín Moreno, só será retomado, segundo a principal organização indígena nacional, a #CONAIE (Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador) e os principais sindicatos do país, após a desistência do Decreto 883, que entrou em vigor na quinta-feira passada.

¹ Sobre a vitória recomendamos o relato "Crônica e análise de uma vitória histórica do movimento indígena" de Décio Machado, nessa edição.

² Este batismo já está sofrendo com sua tradução para o inglês de uma "revolução dos drones" e que se refere a um universo tecnológico que não revela particularmente as especificidades dos eventos equatorianos.

Sem a derrogação do decreto 883, nenhum diálogo é possível

Impondo um aumento exorbitante dos preços dos combustíveis (+120% para o diesel e +50% para a gasolina) através da abolição total dos subsídios estatais aos hidrocarbonetos, as medidas de austeridade tomadas pelo governo se adequar às condições para solicitação de um novo empréstimo massivo ao FMI, desencadearam em primeiro lugar uma reação no setor dos transportes. Táxis, motoristas de transporte de passageiros, carga, escolar, institucional, turístico e de máquinas de construção foram os primeiros a se revoltar, declarando um bloqueio nacional em 3 de outubro. Além dos espetaculares engarrafamentos nas redes viárias nacionais e urbanas das principais cidades (Quito, Guayaquil, Ambato, Ibarra,...), muitos centros de protestos camponeses e operários se desenvolveram em todo o país, enquanto ativistas de movimentos estudantis, ambientalistas e feministas continuaram ocupando o terreno que não haviam deixado nos últimos meses, mesmo que isso significasse colocar suas pautas em segundo plano³. A CONAIE apela à solidariedade e à vigilância internacional contra a violência sofrida pelos povos indígenas desde a declaração do estado de emergência⁴. Seu presidente Jaime Vargas denuncia, entre outras coisas, o fato de que ocorrem confrontos entre famílias, porque "as mães lutam contra as medidas econômicas e seus filhos estão nas fileiras do exército às ordens do Estado".

Apesar da dinâmica de convergência das lutas que rapidamente começaram, um primeiro acordo foi supostamente alcançado pelo governo com representantes do setor de transportes, que concordaram em suspender o bloqueio em troca da garantia de que poderiam aumentar os valores de suas tarifas. Paralelamente à disponibilidade dos porta-vozes do governo e dos principais meios de comunicação do país em declarar encerrado o incidente, as principais organizações indígenas das regiões central e amazônica do país imediatamente declararam "estado de emergência multinacional", um bloqueio indefinido e a organização de uma manifestação de massas na capital⁵, Quito.

³ Lembre-se que, em 17 de setembro, no Equador, num contexto de forte mobilização social, a maioria da Assembleia Nacional votou para manter um dos quadros judiciais mais repressivos da região contra as mulheres em termos de saúde sexual e reprodutiva: a criminalização do aborto, incluindo quando a gravidez é resultado de estupro e a vítima é menor de idade.

⁴ #CONAIE pede que organizações internacionais emitam alertas sobre a situação no Equador », Radio P Purple, 10.10.2019. <https://www.facebook.com/conaie.org>

⁵ O número de 20.000 manifestantes anunciado pelos organizadores não parece ter sido alcançado, os eventos são massivos, mas no momento são medianos em comparação com outros eventos importantes desse tipo no Equador.

Os confrontos com as autoridades não cessaram desde quinta-feira (03/10), tanto de dia como de noite, na cidade, ao redor e na Rodovia Panamericana da Cordilheira Central, assim como ao longo das principais estradas que ligam o leste do país. Em todos os lugares há gritos de "Viva a greve nacional", "O povo unido jamas será vencido" e, de forma mais limitada, os de "Lenín traidor", pelos quais distinguimos as tropas filiadas ao ex-presidente. Esses slogans acompanham marchas, bloqueios de estradas e lutas entre manifestantes que montam barricadas, jogam projéteis contra a polícia, que, além de gás lacrimogêneo e cassetetes, estão fazendo uso crescente de armas de fogo. O representante da Federação de Táxis (Fedotaxis), Jorge Calderón, continua preso, acusado de obstruir o serviço público. Vários líderes sociais, como Marlon Santi e Jairo Gualingua, ambos líderes da CONAIE, foram arbitrariamente colocados sob custódia policial. Os jornalistas também foram alvos deliberados da polícia em várias ocasiões, enquanto tentavam filmar os acontecimentos.

Nas horas que se seguiram à declaração do "estado de emergência", as autoridades destacaram forças militares por todo o país, enviando dezenas de veículos blindados em torno do palácio presidencial de Carondelet. Até segunda-feira, (7/10) a mídia e as ONGs (INREDH, CEDHU, Surkuna,...) relataram um total de mais de 70 feridos, 379 detentos⁶, enquanto um homem de 35 anos morreu após ser atingido por um motorista em um bloqueio de estrada na cidade de Molleturo. 47 soldados também foram mantidos prisioneiros na aldeia de Alausí, depois de terem sido emboscados enquanto tentavam limpar a pista⁷. Hoje – 8/10 –, dois vídeos dramáticos, mas questionáveis, estão circulando na web. No primeiro, podemos ver três pessoas esmagadas até a morte após uma queda de uma ponte em um dos bairros mais pobres de Quito, San Roque⁸, com testemunhos divergentes, segundo alguns, de que os três homens caíram enquanto tentavam escapar dos policiais que os perseguiram na repressão de atividades estritamente relacionadas ao crime e não à mobilização social. A violência do evento não é menos impressionante, é um tema a seguir. A segunda, mostra um corpo de uma pessoa retratada como uma

⁶ Informe sobre a situação dos Direitos Humanos no Equador durante o estado de exceção", https://inredh.org/archivos/pdf/Informe_ddhh.pdf, 07.10.2019.

⁷ Daniel Romero, «Conaie diz que os militares retidos estão bem; Tribunal Constitucional analisa decreto de exceção », El Comercio, Quito, 10.10.2019. <https://www.elcomercio.com/actualidad/conaie-dice-militares-retenidos-encuentran.html>

⁸ "Os polícias matam três jovens atirando-os da ponte de San Roque em Quito." <https://www.youtube.com/watch?v=PvGUZb42vY4>, 07.10.2019, Quito.

mulher, rodeada por um grupo de indígenas da província de Chimborazo, que supostamente morreu após ter sido baleado com um tiro na cabeça⁹. De acordo com outras fontes, trata-se, de fato, de um homem que morreu num acidente aéreo. O balanço é, por conseguinte, difícil de estabelecer, tanto perante o aumento muito real dos atos de violência como perante o afluxo maciço de notícias falsas às redes, mas é provável que tenha explodido literalmente desde segunda-feira à noite (7/10).

Da avaliação econômica da década Correísta à atual violência política e social

Juan Cuvi, ex-líder do grupo guerrilheiro “¡Alfaro Vive, Carajo!” nos anos 80 e ex-membro da Assembléia Constituinte do movimento *Alianza País*, em uma série de artigos sobre o balanço do Correísmo¹⁰, escreve o seguinte: "O impacto do regime de Correa nas organizações sociais e na esquerda equatoriana tem sido mais devastador do que qualquer experiência [de governo] anterior. A retórica progressista, habilmente administrada pelas agências de marketing de poder, e que até conseguiu ganhar reconhecimento e apoio internacional, neutralizou e destruiu os movimentos sociais que durante décadas defenderam uma alternativa no horizonte do capitalismo. A modernização autoritária do capitalismo e a transnacionalização da economia implementada durante o governo de Correa exigiram uma sociedade subordinada e passiva diante da supremacia do Estado".

Cuvi ressalta que "após a derrota do Alianza País nas eleições locais de 2014, a deriva do regime foi acentuada por posições autoritárias, principalmente diante dos protestos dos movimentos sociais. A repressão ao movimento indígena e aos grupos ambientalistas tem sido sistemática, particularmente no contexto de conflitos territoriais relacionadas a projetos de mineração. Preocupado com a escassez orçamentária, o governo se alinhou aberta e frontalmente com os interesses das multinacionais chinesas e canadenses, chegando ao ponto de violar as normas constitucionais (promulgada pelos próprios apoiadores) de proteção da natureza. Como parte dessa repressão, cerca de 800 ativistas sociais e ambientais foram processados e perseguidos; alguns acabaram presos sob acusações de sabotagem e terrorismo.

⁹ Ver por exemplo: <https://www.facebook.com/dpenafieljara/videos/2537502546272780/>

¹⁰ Juan Cuvi, «El repliegue del populismo», Plan V, 15-02-2018. <http://www.planv.com.ec/ideas/ideas/el-repliegue-del-populismo>. Juan Cuvi, «Copro-cracia correísta», Plan V, 28.02.2018. <http://www.planv.com.ec/ideas/ideas/copro-cracia-correista>. Juan Cuvi, «Gustavo Jalkh enfrenta a su peor enemigo», Plan V, 05.04.2018. <http://www.planv.com.ec/ideas/ideas/gustavo-jalkh-enfrenta-su-peor-enemigo>.



Durante uma década, explica Cuvi, "personagens obscuros e pequenas panelinhas vorazes, escondidos atrás de um discurso de esquerda, prepararam o terreno para o saque massivo de fundos públicos[...]. O poder discricionário e o autoritarismo do regime foram as armas mais eficazes para facilitar a corrupção e consolidar a impunidade. Uma vez desenvolvida a estratégia, foi criado um sistema de opacidade financeira que só foi desmascarado quando seus principais atores tiveram que ceder e quando os cofres do Estado estavam vazios".

Cuvi conclui: "impregnados de um messianismo vulgar, os oficiais de Correa acreditavam que eram intocáveis, eternos. Não compreendem e muito menos aceitam a pressão da sociedade para expulsá-los de suas posições. Eles não entendem que estão sendo responsabilizados". Em 2010, durante um conflito semelhante (conhecido como a crise do "30-S", referente a 30 de setembro), as autoridades sob ordens do governo concordaram em atirar em policiais rebeldes em nome da defesa da integridade física de Rafael Correa, que alegou ter sido vítima de uma tentativa de golpe no meio do que provavelmente era apenas um conflito setorial menor. Na ocasião, oito pessoas morreram e 274 ficaram feridas, um processo de acusação por lesão da humanidade - um crime imprescritível, está em andamento. Hoje, serão sobretudo os cidadãos exercendo seu direito constitucional de se manifestarem contra medidas que não foram votadas pelos parlamentares, que estão no centro do conflito e que potencialmente se encontrarão na linha de fogo da polícia.

Além de sua história de repressão, a atual conflagração é inseparável do estado em que o governo anterior havia deixado a economia quando saiu. Correndo o risco de me repetir¹¹, convém recordar que o chamado "cancelamento da dívida por Correa em 2009" não incomodou nem o um pouco a instituição financeira internacional. A famosa "recusa de pagar ao FMI e ao Banco Mundial" consistiu, de fato, em uma recompra após a desvalorização da dívida externa pública nos mercados, malandragem do investidor para a qual contribuiu em nome do banco Lazard Mathieu Pigasse, o *enfant terrible* e barão da

¹¹ Sunniva Labarthe, « Quand le jaguar perd ses dents. Image internationale et contestations locales de la Révolution Citoyenne en Équateur », in Thomas Posado (dir.), « Tournant à gauche en Amérique Latine : fin de cycle ? », Recherches Internationales, n° 107, avril-juin 2016. Sunniva Labarthe e Marc Saint-Upéry, « Équateur : les "post-vérités" de Pierre Carles et Nina Faure », Médiapart, 05.12.2016. <https://blogs.mediapart.fr/saintupery/blog/051216/equateur-les-post-verites-de-pierre-carles-et-nina-faure>. Sunniva Labarthe, « Les résultats mitigés des gauches latino-américaines », in Bertrand Badie et Dominique Vidal (dir.), L'Etat du monde 2016 : un monde d'inégalités, La Découverte, Paris, 2015.

mídia francesa. A dívida pública do Equador, que havia passado de 14 bilhões para 10 bilhões em 2009, chegou a mais de 35 bilhões em 2016, forçando o país a contrair novos empréstimos junto às instituições financeiras internacionais que alegou denunciar ontem. A prometida "mudança de matriz produtiva" para tirar o país da dependência do petróleo e das rendas também não ocorreu. As exportações de produtos industrializados, que ainda representavam 25% do total em 2007, subiram para 22,7% em 2010 e 16,5% em 2014. O aumento das tarifas de importação determinado pelo governo em março de 2015 teve o efeito de uma admissão: até o colapso dos preços mundiais do petróleo a partir de junho de 2014, não havia um esforço estrutural real em termos de substituição de importações. Investimentos maciços em infra-estrutura associados à propaganda massiva resultaram, entre outras coisas, na construção de estradas que custaram em média 10 vezes mais - segundo dados oficiais - do que na União Européia e obras faraônicas destinadas ao declínio inacabado ou prematuro, algumas excedendo seus orçamentos estimados em vários bilhões de dólares, como a Refinaria do Pacífico.

Por conseguinte, é numa continuidade, tanto em termos de economia política como em termos de concepção do monopólio da violência legítima do Estado, que o Governo de Moreno empreendeu as reformas contestadas. Decisões cruciais que ele assegurou não prejudicariam as classes sociais mais baixas, com base em uma explicação contábil provavelmente um pouco complexa demais para ser compreensível e, portanto, confiável: custou ao governo US\$ 20, segundo o BID, subsidiar cada dólar que realmente beneficia os mais pobres, sendo o restante capturado por outros consumidores de maior renda, razão pela qual o governo optou por aumentar o bônus de solidariedade em US\$ 15 e eliminar completamente o subsídio aos hidrocarbonetos que dá uma vantagem proporcional maior aos proprietários de veículos privados altamente consumidores de energia. O fato de o governo ter abolido a ecotaxa sobre esses últimos veículos há pouco tempo desacreditou completamente tanto a pedagogia quanto o fundo de reforma.

O argumento de que os subsídios seriam usados apenas para abastecer o contrabando de combustível não pesa muito para os consumidores que viram o preço por galão de diesel passar de US\$ 1,03 para US\$ 2,27, enquanto a gasolina passou de US\$ 1,85 para US\$ 2,30 por galão. As razões para as reivindicações no conflito político são, portanto, claramente de natureza econômica, entre aqueles que se consideram beneficiários de subsídios e os defendem e aqueles que consideram que os subsídios



distorcem o mercado e querem eliminá-los, embora sejam eles os que mais se beneficiam. Os afetados pelo aumento dos preços opõem-se aos que têm mais razões para temer uma crise econômica geral. Estes últimos tendem a acompanhar o desastre (que é o custo dos bloqueios, saques e destruição material durante os confrontos) e parecem quase encantados quando compartilham vídeos mostrando várias incivilidades durante as mobilizações e gostam de lembrar que Rafael Correa, em sua recente entrevista com Maduro para o canal russo, acusou-o de não ter retirado os famosos subsídios em questão na Venezuela. Uma vez que a reivindicação diz respeito essencialmente aos preços dos combustíveis, é até mesmo uma oportunidade para muitos internautas, à direita do espectro político, de questionarem o valor dos discursos tradicionalmente ecológicos do movimento indígena equatoriano. Como o aumento dos preços ocorreu no próprio dia do bloqueio, ainda é impossível medir a onda de choque real sobre a economia local: os problemas de abastecimento são agravados pelos cálculos individuais mais pessimistas nos setores em questão que operam com um certo grau de informalidade (mercados populares, táxis, ônibus intermunicipais e urbanos, etc.). Fotografias de prateleiras vazias em supermercados, ônibus que exibem preços mais altos do que o esperado e cenas de saques esporádicos à margem de certos confrontos, circulam amplamente pelas redes, alimentando interpretações tão diversas quanto contraditórias.

Em torno desta equação, a realidade do posicionamento das diversas facções da paisagem política equatoriana, como pano de fundo deste transparente movimento de revolta nacional contra o atual governo, é muito preocupante. "Estamos de volta na década de 1990", dizem alguns, referindo-se às revoltas que puseram fim aos governos de Jamil Mahuad em 1998 e Lucio Gutiérrez em 2005, seguindo medidas neoliberais e impopulares, em grande parte comparáveis aos ajustes estruturais decretados nos últimos meses por Lenín Moreno (acordo com o FMI, saída da OPEP, cortes na função pública, fim do subsídio do hidrocarboneto) ao final de um longo período de "diálogo" com todo o espectro político, num contexto de escândalos econômicos e de extrema instabilidade dos preços das matérias-primas, incluindo o petróleo, o maior setor de exportação do país.

"Correa está por trás de tudo isso", outros se estrangulam, não necessariamente mais satisfeitos do que os primeiros com a virada tomada pela governança de Moreno. Estranhamente, explode poucos dias antes da abertura do processo "Arroz-Verde" - o

juízo relativo ao financiamento ilegal das campanhas presidenciais da Alianza País de 2013 e 2017 por empresas privadas em troca de contratos privilegiados com o Estado, observa Martha Roldós no Twitter. Essa advogada e jornalista – que foi perseguida pessoalmente pelo governo anterior, como muitas outras personalidades dos setores progressistas da vida política equatoriana – assiste agora com indignação os "correístas" denunciarem a violência policial e a liberdade de expressão.

Por sua vez, Rafael Correa, da Bélgica, nas redes sociais e com a ajuda de suas conexões equatorianas (o partido "RC", a mídia: Wambra TV, Revista Crisis...) e internacional (especialmente através dos canais RT TV e TV Sur), nunca deixou de atirar combustível no fogo. Entre outras coisas, ele zomba de seu sucessor por não ser “estar à altura do cargo” que ele imagina abertamente que poderá recuperar um dia. Mais grave ainda, confirmando os receios de Martha Roldós, circula um vídeo da pilhagem de manifestantes do edifício Contraloría General del Estado, em Quito, onde se encontram todos os arquivos originais - provas - do grande processo de corrupção do anterior regime¹². Esse acontecimento é a prova incontestável de que parte da insurreição em curso é, de fato, o resultado da agitação causada pelo antigo Presidente, que tinha como regra absoluta tratar qualquer protesto social como um ato de terrorismo¹³. No entanto, a CONAIE rejeita qualquer associação com organizações correístas e a cobertura mediática de eventos pelos principais bajuladores de Rafael Correa no Equador. Em um comunicado na página "CONAIE Comunicación", a organização expressa que "se destaca da tentativa de golpe de Estado do correísmo", especificando que sua "luta é pela saída do #FMI do Equador, contra o "Paquetazo" [expressão que se refere a uma série de medidas de austeridade] e pela defesa de nossos territórios contra o extrativismo". "Não permitiremos que aqueles que nos criminalizaram por 10 anos se beneficiem de nossa luta e da do povo equatoriano", acrescenta o post publicado no Facebook. Mais recentemente, parece que entregou à polícia um infiltrado "correista" durante uma reunião, envolvida

¹² Abel Alvarado, « Denuncian ataque a la sede de la contraloría en Ecuador », 08.10.2019. <https://cnnspanol.cnn.com/2019/10/08/alerta-ecuador-atacan-sede-de-contraloria-pablo-celi-dice-que-es-esto-ocurre-con-la-clara-intencion-de-sustraer-y-destruir-documentos-que-sustentan-responsabilidades-civiles-y-penales-e-i>

¹³ Lembremos, entre outras coisas, a militarização de Dayuma em 2007, a oposição ao abandono do projeto Yasuní-ITT em 2013, o bloqueio nacional em 2015 ou a repressão militarizada do território indígena Shuar em resistência aos mega projetos de mineração.



no ataque à Contraloria do Estado¹⁴. Esta batalha na batalha está atualmente em pleno andamento e pode, em última análise, ser uma oportunidade para o governo.

Por esse lado, abandonado pelo Partido Socialista Cristão - que não quer assumir o custo político a nível municipal do aumento dos preços dos transportes urbanos - e atacado de frente pela direita neoliberal de Guillermo Lasso - opositor nas últimas eleições - no momento, milhares de manifestantes, a grande maioria indígenas, continuam ocupando a capital, Lenín Moreno, que cancelou uma viagem planejada à Alemanha, ainda não está em Quito, onde o palácio presidencial foi evacuado de todos os seus ocupantes na tarde de 7 de outubro. Nesta fase, parece que o controle da situação é exercido pelos gabinetes ministeriais, tanto na relação com a aplicação da lei e as forças de mercado como em negociações intensas, mais ou menos ocultas. Nos últimos dias, a Ministra do Interior, María Paula Romo, que está particularmente exposta à sua posição, tinha até então centrado a sua comunicação no controle da especulação descontrolada sobre os preços dos produtos básicos. Para servir de exemplo, vários comerciantes foram presos por tentarem cobrar preços não regulamentados por batatas, milho e cebolas. Mas, na sequência dos acontecimentos de segunda-feira à noite, quase todas as comunicações oficiais dizem respeito à questão da utilização proporcional - ou não - da violência legítima do Estado. O papel deste advogado, um activista de longa data dos direitos humanos e das mulheres, alegadamente empenhado contra a violência policial, é crucial nas negociações com os representantes sociais que irão determinar o resultado e as consequências a longo prazo da crise.

Crise política, derrubada do atual poder: as próximas horas e confrontos serão decisivos. No Equador, tudo pode acontecer¹⁵, mas ao contrário do peronismo argentino, o correísmo é tão incapaz de governar em coalizão quanto de encontrar figuras políticas que possam se beneficiar de uma estatura eleitoral para representar o "grande ausente" na cena política equatoriana. Longe de ter todas as coordenadas do conflito, mas aproveitando ao máximo a oportunidade, a atual tentativa de desestabilização dos correístas não apresenta, no momento, nenhuma saída institucional tangível. Na verdade,

¹⁴ Correa transmitiu na sequência um vídeo que apresenta o indivíduo como um "militar infiltrado".

¹⁵Decio Machado, «En Ecuador puede pasar cualquier cosa», Blog personnel, Quito, 07.10.2019. https://deciomachado.blogspot.com/2019/10/decio-machado-en-ecuador-puede-pasar_77.html?fbclid=IwAR2QI247-CKDVGbjGtAYbRTaLR9ydmvqofPbAypokvWVHJ_Q8J5FQdQE9vI

ultimamente, ninguém parece estar à altura do cargo presidencial. Ao contrário de seus desejos, Rafael Correa não tem equivalente ao que Alberto Fernandez representa para Cristina Fernández de Kirchner, por causa de sua propensão patológica para o ressentimento pessoal, juntamente com um certo narcisismo e sua incapacidade de pensar em uma frente social que não pode ser liderada por seus serviços de inteligência pessoal. Na ausência de uma possível reconciliação entre Correa e o movimento indígena, a CONAIE comunica agora a sua única determinação em fazer o governo recuar e não demitir o Chefe de Estado, martelando assim publicamente a sua total discordância com os objetivos defendidos pelos agitadores do campo correísta.

Enquanto aguarda mais informações sobre a situação atual, marcada pela recente ocupação da Assembleia Nacional pelos manifestantes, a autora destas linhas apela à solidariedade e à vigilância internacionais. A revogação do Decreto 883 por Moreno agora parece fundamental para evitar que o banho de sangue se espalhe, a comunidade internacional pode ser mais convincente sobre este assunto do que os gritos dos parentes das vítimas que abundam na web e que não parecem comover o governo.